

Tinta na caneta

Depois de segurar por mais de três meses a entrega de cargos de segundo escalão, Dilma Rousseff orientou Michel Temer a definir o quanto antes a distribuição de espaço no governo para acalmar a base aliada no Congresso. O vice-presidente vai mapear as siglas que já ocupam postos de comando, receber as demandas e cobrar fidelidade dos dirigentes das legendas que compõem a coalizão. Auxiliares de Temer estimam que ele terá um quadro pronto em pouco mais de dez dias.

República

Temer se reúne nesta quinta-feira com o ex-presidente Lula e na próxima semana com Fernando Henrique Cardoso. As conversas, sobre reforma política, já estavam na agenda do vice, mas ganharam novo peso.

Teste de fogo

Em conversa até as 3h da quarta-feira no Palácio do Jaburu, Temer avisou a aliados que tentará costurar uma declaração de apoio formal das bancadas do PMDB ao ajuste fiscal.

Nem aí

À revelia do governo, Romero Jucá (PMDB-RR) protocolou na terça-feira a PEC que dá independência ao Banco Central e cria mandatos para seus diretores.

Hora extra

Temer já escalou Eliseu Padilha (Aviação Civil) e Henrique Eduardo Alves, que deve ir para o Turismo, para auxiliarem-no na negociação com o Congresso.

Oi?!

Dilma foi avisada de que Pepe Vargas daria uma entrevista coletiva no Planalto para anunciar sua ida para a Secretaria de Direitos Humanos quando o ministro já estava diante do microfone. “Que coletiva?”, reagiu.

Bina

A assessoria de Pepe tentou negar, mas o telefonema que o fez interromper a fala era da presidente. Dilma exigiu que o petista recuasse do anúncio até que ela acertasse a situação de Ideli Salvatti, de saída do posto.

Concílio 1

José Eduardo Cardozo (Justiça) consultou Ricardo Lewandowski sobre nomes para a vaga no STF.

Concílio 2

Segundo auxiliares de Dilma, o presidente da Corte manteve a lista com os advogados Luiz Fâchin e Marcus Vinicius Coêlho (OAB) e os ministros Luis Salomão e Benedito Gonçalves, do STJ. Incluiu ainda Heleno Torres, fora do páreo.

Ribalta 1

Tucanos vêm tratando o depoimento do tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, nesta quinta-feira, como o “primeiro ato” do petista na CPI da Petrobras.

Ribalta 2

A esperada negativa de que dividiu propina com Pedro Barusco, como o ex-diretor da estatal afirmou em delação premiada, será elemento usado para um pedido de acareação entre os dois, que tende a ser aprovado pela comissão no futuro.

Ufa

Petistas temiam que a CPI desse voz de prisão a Vaccari, mas o habeas corpus preventivo concedido a ele pelo ministro Teori Zavaski acalmou os ânimos.

Estiagem

Prefeitos que se reuniram ontem com Dilma se assustaram com o relato da presidente sobre dificuldades na economia. “As vacas não estão magras. Estão magérrimas”, disse um deles, sobre a queda na arrecadação.

Se vivemos em parlamentarismo, monarquia ou presidencialismo ninguém sabe. O único consenso é que não é Dilma quem governa

DE JOSÉ ANÍBAL (PSDB-SP), sobre protagonismo dos peemedebistas Eduardo Cunha e Renan Calheiros e a transferência da articulação para Michel Temer.

Contraponto

Ideia fixa

Bruno Covas, que exerce seu primeiro mandato como deputado federal pelo PSDB de São Paulo, completou 35 anos no início da semana.

No dia do aniversário, recebeu diversas ligações, de amigos e de colegas da política. Com o segundo grupo, ele brincava, dizendo que agora já tinha idade suficiente para se candidatar à Presidência da República.

Questionado sobre a reação dos interlocutores, resumiu, com bom humor, a de dois tucanos:

– O Aécio achou a maior graça! Já o Serra não achou graça nenhuma...

Investigação

Fora do comando de comissão, peemedebista mira em colegas

Apuração da AL começa com proponente colocando em xeque colegas de investigação

Juliana Vilas Boas e Humberto Marques

Preterido pelos demais integrantes da CPI da Enersul na escolha de presidente e relator do colegiado, o deputado estadual Marquinhos Trad (PMDB) disparou ontem contra os colegas que vão trabalhar nas investigações sobre a empresa, a serem realizadas pela Assembleia Legislativa. O peemedebista fez insinuações contestando a relação entre a Enersul com parlamentares.

Questionados, Paulo Corrêa (PR) e Beto Pereira (PDT), respectivamente eleitos presidente e relator, rebateram Marquinhos –que havia proposto a investigação sobre existência de um “mensalão” destinado a pessoas físicas e jurídicas a partir da Enersul, em número a ser confirmado, além do desvio de R\$ 700 milhões da empresa entre 2002 e 2012–, mas que acabou derrotado na comissão por maioria.

Tradicionalmente, o deputado que propõe as CPIs, além de ter participação garantida nas mesmas, é indicado presidente do colegiado. Desta vez, porém, Corrêa, Beto e Onevan de Matos (PSDB) optaram por



Beto Pereira rebateu insinuações de deputado envolvendo ex-diretor da empresa e garantiu manter trabalhos na CPI

outro comando. Marquinhos teve apenas o apoio de Pedro Kemp (PT). Na sequência, ele voltou a artilharia contra parlamentares.

Presidente da CPI afirma que ôníbus foi adquirido em leilão de empresa

“Já soube de sérias denúncias que são, no mínimo, intrigantes”, disse Marquinhos, ao citar o fato que um ex-diretor da Enersul trabalha no gabinete do relator da CPI. Além disso, ele comentou o fato de que um ôníbus foi doado pelo Grupo Rede à ONG “Onça Pintada”, “ligada a um político da Casa”.

Beto Pereira afirmou que

o chefe de seu gabinete foi funcionário da Enersul por 30 anos, e que ambos se conhecem desde que o deputado do PDT presidiu a Assomasul (Associação dos Municípios de Mato Grosso do Sul). Ele reforçou que isso não é impeditivo para o seu trabalho. “Não há problema algum. Mesmo porque, se houvesse, eu não participaria da CPI, já que meu pai foi presidente da Enersul antes da privatização”, disse Beto, referindo-se ao ex-senador Valter Pereira, que presidiu a estatal na gestão de Wilson Barbosa Martins.

Paulo Corrêa, por sua vez, disse ser apenas parceiro da ONG citada por Marquinhos. A

entidade, segundo ele, atua na prevenção ao câncer de mama, e o ôníbus citado pelo deputado teria sido adquirido em leilão do Grupo Rede. Corrêa prometeu, ainda, pedir esclarecimentos ao colega sobre as afirmações.

Em seu primeiro movimento, a CPI disse que solicitará cópia da auditoria realizada a pedido da Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) pela consultoria PwC na Enersul, que teria apontado a existência de ilegalidades, além de relatórios da CVM (Comissão de Valores Imobiliários) e do interventor da Enersul, Jerson Kelman, que apontam os problemas.

Fatos são anteriores à Energisa, afirma diretor

Renata Volpe Haddad

O diretor-presidente da Energisa MS, Marcelo Silveira da Rocha, afirmou ontem à imprensa que os fatos a serem investigados pela CPI da Enersul, da Assembleia Legislativa, restringem-se a um período anterior à mudança de comando na distribuidora de energia sul-mato-grossense.

Ele lembrou que, em setembro de 2012, a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) determinou uma intervenção nas empresas que integravam o Grupo Rede –incluindo a distribuidora sul-mato-grossense–, que perdurou até abril de 2014. No ano passado, a Energisa assumiu o comando do grupo.

“Essa CPI está sendo feita

para verificar coisas anteriores à nossa gestão”, afirmou Rocha. Segundo ele, em 2012, o interventor da Aneel solicitou auditoria, realizada em julho de 2013, que foi repassado à Polícia Federal e ao Ministério Público. “Da nossa gestão não tem nada errado. A partir do dia 11 de abril de 2014 não tem nada”.

Marcelo Rocha defendeu que a CPI, legalmente, deve atuar para reaver prejuízos à população, mas ele destacou não acreditar que serão encontradas irregularidades. “A CPI vai chegar nessa questão. A Aneel não deixaria passar para a tarifa efeitos de uma má gestão da empresa. O consumidor não está pagando por desvios ou pela má gestão anterior”.

Empresa ainda sofre ‘impactos’ do Grupo Rede, diz diretor-presidente

O diretor-presidente avalia que eventuais problemas com acionistas não devem entrar no radar da CPI da Enersul, já que, por se tratar de empresa de capital aberto, a Energisa e o Grupo Rede tiveram de se submeter à fiscalização da CVM (Comissão de Valores Imobiliários), “que pode informar algum deslize da lei ou descumprimento”.

Ainda segundo Marcelo Rocha, a Energisa enfrenta impactos da má gestão pela qual passou o Grupo Rede, “e tem muita coisa para ser mudada”. Como exemplo, ele citou o sistema de informática, no qual a empresa anterior investiu R\$ 30 milhões e eram

necessários mais R\$ 5 milhões anuais para que funcionasse. “Em vez disso, vamos gastar R\$ 2,5 milhões por ano com o nosso próprio sistema, o que vai gerar economia. Por dois anos, vamos pagar o investimento feito”.

Outro impacto dos problemas do Grupo Rede está na saúde financeira da Energisa, que conforme Rocha foi prejudicada. “Na soma, pioramos, mas melhoramos de abril de 2014 até dezembro do ano passado”.

Por fim, ele estimou que a Energisa levará três anos para recuperar a situação financeira, “e em seis eu garanto que a Energisa de Mato Grosso do Sul será uma das três melhores do Brasil” (leia mais na página A7). (Com HM)

Crítica 1

Dilma, na prática já renunciou, diz Aécio em Brasília

O presidente nacional do PSDB, senador Aécio Neves (MG), disse ontem (8) que a presidente Dilma Rousseff praticou uma espécie de “renúncia branca” ao transferir a coordenação política do governo federal ao vice-presidente Michel Temer (PMDB). Aécio afirmou que Dilma está refém dos presidentes da Câmara e do Senado, os peemedebistas Eduardo Cunha (RJ) e Renan Calheiros (AL), do ministro Joaquim Levy (Fazenda) e, agora, também de seu vice. “A grande pergunta que resta é: que papel desempenha hoje a presidente da República? Acredito que praticamente nenhum mais”. (Folhapress)

Crítica 2

Na internet, Tarso afirma que partido virou ‘acessório’

O ex-governador gaúcho Tarso Genro (PT) criticou ontem (8) a iniciativa da presidente Dilma Rousseff de entregar a articulação política ao vice Michel Temer (PMDB), e afirmou que o PT está “fora das decisões principais” do governo. Pelo Twitter, Tarso citou as medidas na área econômica e na política como exemplo de seu distanciamento do partido. Ele disse que essa é sua constatação a respeito da mudança na equipe de Dilma e que a medida pode provocar consequências negativas. “O PT é cada vez mais acessório no governo. Não é nem consultado”, escreveu. (Folhapress)